

EDUCAÇÃO EM TERRITÓRIOS RURAIS BAIANOS: PESQUISA-FORMAÇÃO COMO DISPOSITIVO DE EXTENSÃO SOBRE CULTURA (I) MATERIAL DE CLASSES MULTISSERIADAS

Elizeu Clementino de Souza
Universidade do Estado da Bahia
esclementino@uol.com.br

Mariana Martins de Meireles
Universidade do Estado da Bahia
marianabahiana@hotmail.com

Resumo

O artigo discute questões relacionadas à educação em territórios rurais baianos, ao sistematizar experiência de uma pesquisa-ação-formação vinculada ao projeto "Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem", ação do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO), do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC/UNEB). Intencionamos compartilhar como temos desenvolvido pesquisa-formação como dispositivo de extensão, numa perspectiva colaborativa, ao destacar questões sobre condições de trabalho docente e cultura material e imaterial de escolas rurais e classes multisseriadas. Apresentam-se ainda debates e intervenções acerca de estudos sobre multisseriação e cotidiano escolar, bem como, considerando a cultura e memória escolar, deem visibilidade à realidade das escolas rurais multisseriadas.

Palavras-chave: Educação em Territórios Rurais. Multisseriação. Pesquisa (auto)biográfica. Cultura e Memória Escolar.

EDUCATION IN RURAL TERRITORIES OF BAHIA: RESEARCH - TRAINING HOW EXTENSION DEVICE ON CULTURE (I) MATERIAL OF CLASSES MULTISERIALIZED

Abstract

The article discusses issues related to education in rural areas of Bahia, to systematise experience of a research-action-training linked to the project "Multiserialized and teaching: differences, everyday school life and rites of passage", Action Research Group (Auto) biography, Education and Oral History (GRAFHO), the Graduate Program in Education and Contemporary, State University of Bahia (PPGEduC/UNEB). We intend to share as we have developed research - training as extension device, a collaborative perspective, highlighting issues on teacher working conditions and material and immaterial culture of rural schools and multigrade classes. It is also present debates and interventions about studies multiserialized and school routine as well, considering the culture and school memory, deem visibility to the reality of multigrade rural schools.

Keywords: Education in Rural Areas. Multiserialized classes. Search (auto) biographical. Culture and School Memory.

EDUCACIÓN RURAL EN LOS TERRITORIOS DE BAHIA : INVESTIGACIÓN - EXTENSIÓN DE FORMACIÓN COMO DISPOSITIVO DE CULTURA (I) MATERIAL DE CLASES MULTISERIAL

Resumen

El artículo aborda temas relacionados con la educación en las zonas rurales de Bahía, para sistematizar la experiencia de una acción de formación en investigación vinculada al proyecto "Multiserial y la enseñanza: las diferencias, la vida escolar cotidiana y ritos de paso", Acción Grupo de Investigación (Auto) biografía, Educación e Historia Oral (GRAFHO), el Programa de Posgrado en Educación y Contemporánea, Universidad del Estado de Bahía (PPGEduC/UNEB). La intención de compartir como hemos desarrollado la investigación - formación como dispositivo de extensión, una perspectiva de colaboración, destacando las cuestiones sobre las condiciones y el material de trabajo de maestros y la cultura inmaterial de las escuelas rurales y las clases multigrado. Es también debates actuales y las intervenciones sobre los estudios multiserial y rutina de la escuela, así, teniendo en cuenta la memoria y la cultura de la escuela, considere la visibilidad a la realidad de las escuelas rurales multigrado.

Palabras clave: Educación en Áreas Rurales. Multiserial clases. Busca (auto) biográfica. Cultura y la Escuela de memoria.

EDUCAÇÃO EM TERRITÓRIOS RURAIS BAIANOS: PESQUISA-FORMAÇÃO COMO DISPOSITIVO DE EXTENSÃO SOBRE CULTURA (I) MATERIAL DE CLASSES MULTISSERIIDAS (1)

DAS COMPOSIÇÕES PRIMEIRAS: QUESTÕES DE PESQUISA- FORMAÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO RURAL E MULTISSERIEÇÃO

O artigo discute aproximações sobre a educação em territórios rurais baianos ao tomarmos como referência questões de ensino e de formação no âmbito da pesquisa *"Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem"* desenvolvida no âmbito da Programação de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC-UNEB), coordenada pelo Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO). Do mesmo modo, tomamos como referência o subprojeto intitulado *"Escolas têm memórias: cultura material e imaterial de escolas rurais baianas"*, desdobrando-se como estudo vinculado ao grupo de pesquisa e a

referida pesquisa matricial.

Deste modo, tais investigações encontram-se fundamentadas nos princípios epistemológicos da abordagem qualitativa de pesquisa, ancoradas na perspectiva (auto)biográfica, na vertente das memórias, da pesquisa narrativa e de experiências educativas como prática de pesquisa-formação e de extensão, voltadas especialmente para a construção de dispositivos colaborativos com professores de classes multisseriadas do sertão do Estado da Bahia.

Os estudos empreendidos pelo grupo (2), com base nas atividades de extensão objetivam investigar questões teórico-metodológicas, numa perspectiva colaborativa, vinculadas às classes multisseriadas, suas relações com o trabalho docente e o cotidiano escolar, empreendendo ações de intervenção pedagógica que promovam a melhoria da qualidade da educação pública na Bahia. Para tanto, centra-se na análise de problemas de pesquisas e estudos sobre educação em territórios rurais que vêm sendo implementados no âmbito do

1 As questões aqui apresentadas resultam de projetos de formação com professores de classes multisseriadas, como atividades de extensão e pesquisa-formação, no âmbito da pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) Edital 028/2012 – Prática Pedagógicas Inovadoras em Escolas Públicas e do MCTI/CNPq, Chamada Universal nº. 14/2014.

2 As ações de pesquisa-formação e extensão são desenvolvidas através de parceria entre o GRAFHO com os seguintes grupos de pesquisa: Currículo, Avaliação e Formação do Centro de Formação de Professores – Campus Amargosa (CAF/CFP/UFRB); Diversidade, Narrativas e Formação (DIVERSO/UNEB); Educação do Campo e Contemporaneidade (UNEB) e o Centre de Recherche Interuniversitaire EXPERICE (Paris 13/Nord-Paris 8/Vincennes-Saint Denis).

Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO/UNEB), tendo em vista a consolidação e fortalecimento de uma rede de pesquisa colaborativa e de intervenção pedagógica, mediante atividades de extensão, entre a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e a Universidade de Paris 13/Nord-Paris8/Vincennes-Saint Denis (França).

Tal rede de pesquisa organizada pelo GRAFHO tem articulado ações educativas que se desenvolvem em diferentes espaços rurais do Estado da Bahia, contando com seis escolas parcerias, sendo quatro municipais multisseriadas e duas estaduais, as quais acolhem os alunos egressos das escolas multisseriadas da Ilha de Maré e da zona rural de Amargosa. No que concerne às escolas de Salvador, integram as ações de formação e extensão a Escola Municipal de Botelho (Ilha de Maré) e a Escola Estadual Marcílio Dias, localizada no subúrbio ferroviário no Bairro de São Tomé de Paripe. Em relação ao município de Amargosa atendemos a Escola Municipal Helmano e Humberto de Castro, instalada na localidade denominada Fazenda Timbó e o Colégio Estadual Santa Bernadete. Integram também as ações de formação outras duas escolas municipais situadas no sertão baiano, especialmente, o Educandário Municipal Nossa Senhora Das Graças, localizada na zona rural de Canudos e a Escola Padre Gregório na zona rural do município de Uauá.

Estas escolas estão vinculadas as práticas de pesquisa-formação, e nas quais desenvolvemos atividades de extensão tanto com os professores, quanto com os alunos, com ênfase em questões de ensino sobre multisseriação e trabalho docente, bem como

atividades de acompanhamento dos alunos egressos das referidas escolas municipais, tendo em vista, construir, numa perspectiva colaborativa, dispositivos pedagógicos sobre ritos de passagem dos alunos e práticas de formação de professores.

O recorte de análise aqui apresentado, incidirá sobre cultura material e imaterial das classes multisseriadas, ao sistematizar aspectos relacionados a ausência de memória material de tais escolas, especialmente do território do sertão baiano, destacando questões férteis para as ações de formação sobre a memória das escolas, suas materialidades e modos de preservação da cultura material e imaterial das mesmas.

As práticas de formação desenvolvidas têm ampliado através de processos de investigação-ação-formação-extensão, ações educativas que se desenvolvem em espaços rurais da Bahia, buscando compreender como estes, caracterizados por diversas ruralidades, se configuram enquanto lugares de aprendizagem. A opção pelo estudo nas áreas rurais dá-se em virtude de ali se concentrarem os piores indicadores educacionais, tanto no Brasil quanto no Estado da Bahia. Com isso, se admite que as áreas rurais, por força dos complexos processos de urbanização, foram historicamente banidas das pautas e agendas de discussão para definição de políticas que atendam as especificidades que são inerentes a essa população e, quando isso é feito à educação oferecida é de fato transplantada da lógica urbana para o meio rural. A lógica da simples transferência do modelo de escola da cidade para o campo já mostrou seu esgotamento, tornando inadiável o desenvolvimento de abordagens inovadoras que considerem as especificidades dos territórios rurais e que busquem se adequar à

experiência, necessidades e anseios das populações rurais.

De certo modo, a educação em contextos rurais sempre foi relegada a planos inferiores e teve o apoio, para isso, da elite brasileira, que acentuou e reproduziu uma educação herdada dos jesuítas (LEITE, 2002). Durante muito tempo as orientações gerais das políticas educacionais privilegiaram contextos urbanos em detrimento aos rurais, embora o país possuísse características eminentemente rurais. A implementação e difusão da escola primária rural surgiu com diversos problemas de cunho pedagógico e administrativo, havia falta de professores, lugares precários para o funcionamento das escolas e dificuldades de permanência na escola por parte dos alunos, que muitas vezes sem estradas e sem transportes, eram obrigados a escolher entre escola e as atividades agrícolas.

A história da escola rural no Brasil e no sertão baiano evidencia inúmeras adaptações de prédios de diferentes naturezas que se configuraram como escola ao longo dos anos. Por um longo tempo, a atividade de ensinar e aprender em espaços rurais se deu em espaços não próprios, revelando um modelo de escola com uma *territorialidade cíclica*: primeiro, na casa do coronel da fazenda; depois na extensão da casa da professora; em seguida em galpões, igrejas, casas alugadas; e só depois foram criadas as pequenas escolas, com sede própria. Assim sendo, a escola rural, passou por um logo processo de conquista de seu espaço, iniciou em lugares emprestados e/ou alugados (3) e lentamente, através de lutas docentes e sindicais, incentivos particulares e políticas públicas,

foram adquiridas edificações próprias. Saiu, portanto, de *espaços privados* – a casa do professor, para ocupar lugares públicos, *a escola da comunidade*. Entretanto, mesmo com algumas conquistas, o espaço físico da escola rural, ao longo da história, sempre se constitui como um “*mínimo necessário*”.

Nesse sentido, a escola rural sobreviveu historicamente com uma política de recursos mínimos. A ausência da materialidade das escolas rurais, que se iniciam com precariedade de seus prédios, mobílias e equipamentos didático-pedagógicos, estende-se com as dificuldades de acesso e permanência dos sujeitos. Essa realidade aponta indícios dos enfrentamentos vivenciados pelas escolas rurais no sertão da Bahia, marcados por diferentes ordens de natureza organizacional, estrutural, educacional, pedagógica e financeira. A atenção a tais questões destaca-se como pertinente e essa discussão é necessária, uma vez que, o Brasil caracteriza-se por um grande número de municípios nos quais as relações sociais e econômicas centram-se nos valores, na vida e na cultura advindas dos espaços rurais, cabendo nesse contexto problematizarmos sobre a educação, a escola e à docência produzidas nesses espaços sociais e ações de inovação educacional, ao centrarmos atenção em aspectos da cultura material e imaterial da escola rural.

3 No sertão da Bahia ainda há escolas que funcionam em casas, galpões alugados ou espaços improvisados.

DAS IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: DIÁLOGOS SOBRE PESQUISA, FORMAÇÃO E EXTENSÃO

Os objetivos propostos para as ações de pesquisa-formação compreendem a educação como forma de emancipação capaz de articular e promover dinamismos locais, ao possibilitar aos sujeitos construir dispositivos de intervenção social, como práticas que favoreçam ações emergentes de dinamismos locais e potencialidades dos atores em seus territórios, contribuindo para a superação do preocupante quadro da Educação Básica no Estado da Bahia, mediante ações de inovações educacionais em classes multisseriadas e acompanhamento dos ritos de passagem de estudantes na segunda etapa do ensino fundamental em escolas estaduais, bem como sobre registros de aspectos da cultura material e imaterial das escolas multisseriadas do Sertão da Bahia.

No que se refere as escolas rurais e multisseriadas (4), apesar de sua forte presença no País, sobretudo nas realidades situadas no interior, este tema vem sendo silenciado pelas políticas públicas e, também, na Universidade, onde se nota escassas pesquisas sobre a questão e, também, inclusive no silenciamento dessa temática nos cursos de formação de professores, sobretudo os de Pedagogia que formam professores para a Educação infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Surpreendentemente, os números desmascaram as teses que a colocam como coisa do passado, em extinção. Mesmo

considerando que as políticas públicas vêm incentivando o processo de nucleação escolar e desvalorizando a modalidade de escolas multisseriadas, essas últimas somavam, segundo o Censo Escolar 2010 do INEP/MEC, cerca de 93.623 turmas no Ensino Fundamental, no Brasil. Interessa pontuar que o estado da Bahia é o que reúne o maior número de classes com este tipo de organização: são 16.985, respondendo por 18,14% da realidade brasileira neste nível de ensino (INEP, 2010).

Outra questão a ser apontada é a importância social e política que as escolas multisseriadas assumem para as comunidades rurais onde se localizam, sobretudo pela garantia do acesso à escolarização de grande contingente de brasileiros, o que não seria possível sem elas. Apesar dessa importância, evidenciada nos números apresentados anteriormente, e na importância social para os sujeitos do campo, a temática tem sido invisibilizada pelas políticas públicas.

Do ponto de vista metodológico, adotamos como referência princípios epistemológicos da abordagem qualitativa, na vertente da pesquisa narrativa e de experiências educativas, ao dialogar com Benjamin (1993), Connelly & Clandinin (1995), tendo em vista situar aportes teórico-metodológicos da pesquisa narrativa. As interfaces entre pesquisa narrativa e investigação com experiências educativas, nos faz aproximar dos trabalhos desenvolvidos por Contreras Domingo e Ferré (2010), Larrosa Bondia (2010) e, mais especificamente, de Amiguiño (2008a), no que se refere à potência e fertilidade do

4 Tais escolas são aqui caracterizadas pela oferta simultânea de várias séries em uma mesma turma sob a regência de um único professor, também nomeadas de escolas unidocentes.

levaram em consideração questões *históricas e culturais* (relevância no contexto regional e nacional), *geográficas* (localização e proximidade entre os municípios), *socioeconômicas* (municípios vetores de economia local/regional), *educacionais* (escolas rurais que funcionam há cerca de 30 anos). Vale destacar que, para a escolha das escolas rurais, foi realizada uma pesquisa de natureza exploratória nas Secretárias de Educação dos referidos municípios, bem como em documentos oficiais do Ministério de Educação – Censo Escolar, para o conhecimento do número de escolas rurais desses municípios, bem como ano de sua fundação e outras questões específicas das escolas. A partir desse diagnóstico, realizamos, em cada município, uma visita na Secretária de Educação, para apresentação da proposta de pesquisa-formação e autorização dos secretários para a sua realização, implicando na realização de Seminários de Formação com os professores, por partirmos de princípios de uma formação e de práticas de extensão colaborativa.

Adotamos como dispositivos pedagógicos para a construção das atividades de formação e de extensão, especialmente, dos seminários de formação (5) com os professores dimensões de uma pesquisa-formação colaborativa, implicando nas seguintes atividades: a) Revisão de literatura, configurando-se como espaço-tempo de

formação e de ampliação da base teórica sobre educação rural, classes multisseriadas e suas implicações no trabalho docente, além de questões no âmbito da cultura material e imaterial das escolas rurais; b) Sistematização de questões didático-pedagógicas sobre processos de aprendizagem e trabalho docente em classes multisseriadas, tendo em vista a construção de indicadores de inovação educacional para as escolas; c) Observação do contexto escolar, análise documental, apreensão da cultura material, fotobiografia (6) entre pares com a equipe de formadores e de docentes entre as escolas; d) Realização de entrevistas narrativas com as professoras e os alunos, configurando-os enquanto sujeitos colaboradores e que vivem o cotidiano das escolas.

Cabe destacar que a entrevista narrativa parte do pressuposto de que toda experiência humana pode ser anunciada mediante uma narrativa, visto que, desde sempre, o homem encontrou maneiras de contar história, de falar da vida. Nesse tipo de entrevista, os sujeitos falam de si e de suas trajetórias com profundidade. Vale salientar que, no trabalho com narrativas, “[...] não é o evento, enquanto transitório, que queremos compreender, mas sua significação [...]” (RICOEUR, 1976, p. 23). Assim sendo, a complexidade singular das interpretações dos sujeitos sobre o vivido, busca de certo modo, “[...] revelar as coisas enterradas nas pessoas

5 Os seminários foram realizados bimestralmente, acontecendo alternadamente nos espaços das escolas e da universidade durante o ano de 2014 e continuando no ano de 2015, na medida em que oportuniza a aproximação da dos participantes, bem como o deslocamento entre universidade - escolas públicas - escolas de educação básica-universidade.

6 Nas ações de pesquisa-formação-extensão, tomamos a fotobiografia com um importante dispositivo investigativo, uma vez que, os registros fotográficos, se constituem como um valioso acervo guardador de histórias, com um enorme poder de evocação da memória. Assim sendo, em sua “mudez” as fotografias são reveladoras de momentos vividos/materializados pelas escolas rurais baianas, contam histórias e resguardam memórias.

que a vivem [...]” (BOURDIEU, 2011, p. 708) e nos lugares que as compõem.

Nesse sentido, através das narrativas dos sujeitos - cultura imaterial - e das memórias impressas nos objetos - cultura material -, nos ritos e rituais, é possível emergir um conjunto de recordações de “gente pouco importante” (ANDRÉS-GALLEGO, 1993), ligada à História da Educação e as memórias das escolas rurais baianas. Essas memórias encontram-se acompanhadas por um conjunto de artefatos, donde emanam formas de produção da escola, da educação e da própria vida, resguardando assim, significações e histórias. Nessa pesquisa são contempladas as narrativas de professores, gestores escolares, alunos, ex-alunos, bem como moradores das comunidades, denominados nessa pesquisa de sujeitos-narradores, cujas narrativas auxiliam a compor a memória e a contar a fragmentos históricos da educação em espaços rurais do sertão baiano, talvez, antes nunca narradas.

Desse modo, o trabalho é desenvolvido num movimento investigativo-formativo que vai *das pessoas às coisas, das coisas às memórias*, uma vez que, além dos sujeitos-narradores, são utilizadas como fonte de pesquisa: a análise da legislação que rege a organização do ensino em espaços rurais, os métodos de ensino utilizados, a arquitetura escolar, os livros e cartilhas, cadernos escolares, planos de ensino, documentos oficiais, documentos escolares, inventários e regulamentos escolares, projeto político pedagógico, bem como o mobiliário presente

nas escolas que integram a pesquisa. Esses objetos-fontes configuram-se como indicadores importantes, apontando direções investigativas e potencialidades hermenêuticas interpretadas no campo da cultura material escolar, isso porque, de algum modo, memórias emergem e inscrevem-se nos objetos (7) encontrados.

No que tange à análise do material, esboçada para realizarmos conjuntamente com os professores no segundo semestre do ano em curso esta, ancora-se em um paradigma compreensivo das diversas fontes (SOUZA, 2014), a partir de uma perspectiva hermenêutica de compreensão que situa os sentidos e significados pelas experiências dos sujeitos e pelos dos usos e funções da materialidade escolar. É nesse contexto analítico-compreensivo (RICOEUR, 1976), de cunho historiográfico e (auto)biográfico que buscaremos compreender a materialidade e imaterialidade escolar imersa nos sentidos e significados experienciados pelos sujeitos que compõem a história das escolas rurais baianas vinculadas a esta atividade de pesquisa-formação. Desse modo, buscaremos compor uma dialética interpretativa, inscrita nos artefatos materiais e nas narrativas dos sujeitos-narradores, o que nos direcionará para uma interpretação hermenêutica da realidade investigada. As ações desenvolvidas nos seminários de formação têm evidenciado questões relevantes sobre as (pequenas) escolas rurais, suas histórias e memórias, seus sujeitos, invisibilizados e silenciados historicamente.

7 Nas práticas de pesquisa-formação-extensão desenvolvidas compreendemos “a matéria não é uma entidade misteriosa, situada no 'além' de nossas representações, produzindo-as, mas uma imagem” (HUISMAN, 2000, p. 358). Nessa perspectiva, a matéria é uma imagem que territorializa/materializa o espaço da memória.

DAS VINCULAÇÕES E APROXIMAÇÕES: ESTUDOS SOBRE A CULTURA E MEMÓRIA ESCOLAR

Após sistematizarmos, de forma abreviada, modos de como operamos com a realização dos seminários de formação sobre cultura material e imaterial de escolas rurais multisseriadas, especialmente em duas escolas do sertão baiano, pela perspectiva de verticalizarmos questões sobre cultura e memória escolar, por entendermos que nos últimos anos, emergiram trabalhos com interesse significativo em pesquisar a escola e seu passado, apresentando uma atenção necessária aos atores que compõem a memória da escola. Assim, os seminários de formação tornam-se ainda mais necessários, pois destacam essa história, visto que, trata-se de compor memórias de escolas rurais do sertão baiano, operando com questões de valorização da escola, de pertencimento aos territórios rurais e dinamismo local, discussão ainda insuficiente no âmbito dos estudos acadêmicos e das práticas de formação de professores de classes multisseriadas.

Há que se considerar nesse contexto, via o processo de democratização do ensino rural, as condições tardias de acesso e permanência postas pela realidade da escola rural no Brasil, sobretudo na Bahia. A escola historicamente é concebida como um lugar privilegiado de apropriação e construção de saberes, talvez por isso, assistimos, intencionalmente, as negligências no campo político, social e educacional quanto a constituição de escolas rurais no cenário nacional.

Nessa perspectiva, destacamos a falta ou insuficiência de espaços específicos para o funcionamento das escolas rurais, no sertão baiano, realidade que tem comprometido, de

algum modo, o salvamento da historicidade de sua materialidade, implicando, portanto, na constituição de sua memória. Assim, essa dificuldade de mapear e localizar a materialidade da escola, configura-se com um desafio evidenciado nas entrevistas com as professoras, visto que a ausência de espaços fixos para as escolas e, por sua vez, a falta de espaços nas escolas provocaram o descarte de muitos objetos e documentos. A verdade é que, sem espaço e sem práticas de arquivamentos para essa materialidade perdeu-se, de certo modo, uma tradição de arquivamento nas instituições. Enfim, uma memória material perdida ou a perder-se, essa é a realidade das escolas rurais no Brasil e, mais especificamente, no sertão da Bahia.

Ao considerar esse cenário, partimos da heurística do inventário das escolas rurais baianas, bem como da hermenêutica da produção histórica dessas escolas, quase sempre marginalizadas e esquecidas, historicamente, nos estudos e pesquisas do campo educacional brasileiro e baiano. Diálogos com princípios da Nova História Cultural e da História da Educação sobre cultura material e imaterial, tem nos permitido apreender dispositivos cotidianos da constituição da cultura escolar de escolas rurais baianas, seja na perspectiva da sua pouca ou inexistência memória material e da imaterialidade, construídas através da ação humana e das experiências cotidianas dos sujeitos que habitam o território rural.

Nos seminários de formação e em nossos estudos, a cultura escolar é compreendida a partir de sua materialidade e imaterialidade, inscrita na memória/história das escolas rurais baianas como *corpus* teórico-conceitual e como categoria interpretativa fundante de ressignificação das escolas em seus territórios. Nesse sentido,

optamos por tecer uma reflexão acerca da cultura escolar, como categoria de análise, com referência a questões teóricas da História cultural, atentado para princípios da abordagem (auto)biográfico, que têm investigado dimensões sócio históricas das instituições escolares, suas práticas, representações e materialidade da cultura escolar.

Desse modo, a materialidade escolar, os objetos e outros artefatos que compõem a escola rural, não são tomados como em um fim em si mesmos. Ao contrário, quando analisados em seus contextos de usos, apreendemos modos de constituição da escola e de seus sujeitos, bem como, suas formas concretas e imateriais de produção da escola e da vida. Neste sentido, o trabalho possui um modo particular de pesquisa-formação que agrega singularidades da materialidade e imaterialidade, articulando elementos humanos e materiais no âmbito de escolas rurais baianas.

DAS (IN)CONCLUSÕES: SOBRE A CULTURA ESCOLAR

O texto, ao tomar, inicialmente o contexto da multisseriação e do cotidiano escolar, reconhece a importância das escolas rurais localizadas em territórios rurais baianos para o processo de formação das crianças que habitam espaços socioculturais específicos. Por outro lado, demarca a importância dos estudos no campo da cultura escolar, ao conceber a escola rural como um lugar de memória, de materialidades e imaterialidades, de guarda de memórias individuais e coletivas, considerando pertinente, seus objetos e as práticas de usos

no cotidiano escolar, valorizando memórias do ser/fazer-se escola rural no sertão da Bahia.

Ao destacar modos de apreensão da cultura escolar, entendemos que a mesma, constitui-se como objeto histórico, e pode ser compreendida como “[...] um conjunto de práticas que permitem a transmissão de conhecimentos e a incorporação de comportamentos, normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo a época [...]” (DOMINIQUE JULIA 2001, p. 10). Essa perspectiva compreensiva nos orientam a conceber os objetos e instrumentos escolares para além do utilitário, nos direcionando a enxergá-los como expressão para entender o ensino, compreendendo-os como instituidores de discurso de poder, revelando valores, concepções e práticas referentes à educação em territórios rurais.

Para Hernandes Dias (2002, p. 225), tanto ontem como hoje, “[...] as paredes, o mobiliário e os utensílios da escola guardam uma ordem convencional, imposta, casual, visível ou um sistema de relações invisível, ordenado, permitido, negociado em outras ocasiões [...]”. Assim sendo, ainda, segundo esse autor, os objetos revelam “[...] rituais educativos, indicam o currículo explícito ou oculto, a cultura que se transmite ou se produz, a que se impõe ou se rechaça, a que se aceita e integra [...]” (HERNANDEZ DIAS, 2002, p. 226).

Assim, numa perspectiva histórica, cada objeto que observamos na escola revela, de algum modo, a memória da escola, contam sua utilidade/utilização no campo pedagógico e na vida cotidiana da escola. Esse movimento permite-nos compreender que os acontecimentos passados inscrevem suas marcas no espaço físico, nas consciências

individuais e na memória coletiva. É preciso abordar a cultura escolar como comunidade educativa viva, como produção humana, social e, portanto, cultural.

Viñao-Frago (1995) observa que a cultura escolar refere-se ao conjunto de aspectos institucionalizados ao cotidiano do fazer escolar, aos modos de pensar, aos objetos escolares, a materialidade física, enfim, a cultura escolar é toda a vida escolar, configura-se como os modos de produção da escola. É preciso ter em vista que os artefatos são produtos do trabalho humano e apresentam duas facetas: eles têm uma função primária (uma utilidade prática) e exercem funções secundárias, isto é, simbólicas. Significa considerar que os artefatos são indicadores de relações sociais e como parte da cultura material atua como direcionadores e mediadores das atividades humanas, o que confere aos objetos um significado humano.

Nesse sentido, prestamos atenção às diferentes formas pelas quais os objetos escolares compõem a escola rural, bem como identificamos o modo como estes, marcam rupturas e mudanças que nela ocorreram ao longo da história. Em oposição a ausência de memória que marca as escolas rurais, buscamos realizar uma espécie de recuperação do patrimônio material das escolas, uma vez que, esta ação, “[...] constitui-se como um exercício de salvamento de uma tradição socialmente relevante [...]” (ESCOLANO BENITO, 2012, p. 13). Por outro lado, podemos compreender que no apagamento do material e na ausência de produção de uma memória está corporificada a exclusão da vida da escola, os significados de sua história e dos sujeitos rurais.

Desse modo, os objetos, presentes na cultura da escola, não são como coisas indiferentes, o contrário, tem um nome, uma

função, uma personalidade, uma história, um uso, revelando um passado, uma história, um mundo vivido reinventado no cotidiano. Assim sendo, os objetos são guardadores de memória, carregam valores simbólicos e subjetivos. Eles eternizam a interação e a constituição mútua entre pessoas e coisas. Há, portanto, uma materialidade do espaço significado pelos objetos que o compõe e pelos usos dos mesmos, pelos sujeitos constituintes da escola rural.

Para compreender essa materialidade, marcada pela matéria, pelo sentido, significado e afetividade dos objetos, operamos, nesse estudo, com o conceito de *objetos biográficos*, que segundo Bosi (2003), é definido como um conjunto de objetos que nos circundam, nesse sentido, “[...] Os objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se incorporam a sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografia [...], cada um desses objetos representa experiência vivida, uma aventura afetiva” (BOSI, 2003, p. 26-27).

Assim sendo, os *objetos biográficos* carregam as marcas de sujeitos e o modo como estes operaram com os mesmos ao longo da história. Em nosso estudo, os objetos biográficos são artefatos presentes nas escolas rurais, contadores de sua história e guardadores de suas memórias, integrantes de uma cultura particular, com usos, funções e públicos definidos. Ao tomarmos os objetos biográficos e outros artefatos materiais como um campo de análise, compreendemos que, os mesmos, não compõem as escolas isoladamente, antes, inscrevem-se em um conjunto de diferentes práticas sociais carregadas de significados pela dinâmica dos espaços e dos sujeitos que marcam a historicidade das escolas rurais.

Nessa perspectiva, intentamos

encontrar a história dos sujeitos nos objetos e nos objetos a vida dos sujeitos. Assim sendo, os objetos são compreendidos como portadores de mensagens, de ideias pedagógicas, indicadores de práticas, guardadores de memória e reveladores de políticas educativas presentes nas escolas rurais do sertão baiano. A intenção, portanto, atravessa a ideia de preservação do patrimônio histórico escolar, apreendendo a memória das instituições e de seus atores, compreendendo assim, o imbricamento da base material com a imaterialidade presente nas práticas culturais, na produção da escola e na cultura de seus sujeitos. Trata-se, portanto, de lançar outros olhares e analisar os artefatos presentes no cotidiano escolar, que nos auxiliam na produção de uma memória escolar singular, evidenciada a partir das materialidades e das experiências vividas pelos professores, pelos alunos e pela comunidade, dada a importância das escolas e das classes multisseriadas, na promoção da educação em territórios rurais baianos.

REFERÊNCIAS

- AMIGUINHO, Abílio José Maroto. Escola em meio rural: uma escola portadora de futuro? **Revista Educação**. Santamaria, vol. 33, n.1, pp.11-32, jan-abr. 2008a.
- _____. A escola, a modernidade e o mundo rural. In: **A escola e o futuro do mundo rural**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para a Ciência e a Tecnologia, março de 2008b, p. 107-155.
- ANDRÉS-GALLEGO, J. **História da gente pouco importante**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: **Obras Escolhidas**. Vol. I, Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 198/196.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia social**. São Paulo, Ateliê editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (Coord). **A Miséria do Mundo**. Tradução Mateus S. Soares de Azevedo *et al*, Petrópolis/RJ: Vozes, 2011, p. 693-713.
- CASTRO, Raquel Xavier de Souza; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Cultura Material da Escola entrem em cena as carteiras. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (Orgs). **Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar** (Santa Catarina – século XIX e XX). Florianópolis: Editora Insular, 2012, p. 169-186.
- CONNELLY, F. Michael y CLANDININ, D. Jean. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In.: LARROSA, Jorge (Org.). **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995, p. 11/59.
- CONTRERAS DOMINGO, José y FERRÉ, Núria Pérez de Lara. La experiencia y la investigación educativa. CONTRERAS, José y LARA, Núria Pérez de (Comps.). **Investigar la experiencia educativa**. Madrid: Ediciones Morata, 2010, p. 21-86.
- ESCOLANO BENEDITO, Agustín. Las materialidades de la escuela (a modo de prefacio). In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (Orgs). **Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar** (Santa Catarina – século XIX e XX). Florianópolis: Editora Insular, 2012, p. 11-18.
- HERNANDEZ DIAS, José Maria. Etnografia e historia material de la escuela. In. ESCOLANO BENITO, Agustín e HERNANDEZ DIAS, José Maria (coords). **La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educacion deseada**. Valencia: Tirant lo Blanch, 2002, p. 225-246.

HUISMAN, Denis. **Dicionário de obras filosóficas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

INEP- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo escolar 2010**. Sinopse estatística da educação básica - Ano 2010. Brasília: MEC/INEP, 2010. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/censo/>>. Acesso em: 29/10/2011.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados, n. 1, jan./jun. 2001, p. 9-43.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Herido de realidad y en busca de realidad. Notas sobre los lenguajes de la experiencia. In: CONTRERAS, José y LARA, Núria Pérez de (Comps.). **Investigar la experiencia educativa**. Madrid: Ediciones Morata, 2010, p. 87-116.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Trad. Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 1990, 317p.

_____. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão, *et al.* 2ª Edição. Campinas: UNICAMP, 1992.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola Rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 2002.

MIGNOT, A. C. V. Sobre coisas de outros tempos: rastros biográficos nas crônicas de Cecília Meireles na "Página de Educação". **História da Educação** (UFPel), v. 14, p. 81-99, 2010.

RICOUER, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação UFSM**, Santa Maria, v. 39, n. 1, pp. 85-104, jan./abr. 2014.

_____. A caminho da roça: olhares, implicações e partilhas. In: SOUZA; Elizeu Clementino (Org). **Educação e ruralidades**: Memórias e narrativas (auto)biográficas. EDUFBA, Salvador, 2012, p. 17-28.

_____. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M., (Orgs.) **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163-189.

VIÑAO FRAGO, A. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 1995, p. 63-82.

_____, Antonio. Autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. In: BERRIO, Julio Ruiz (Ed.). **La cultura escolar de Europa**: Tendencias históricas emergentes. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000, p. 169-204.

_____. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas**. Madrid: Morata, 2005.